



# Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

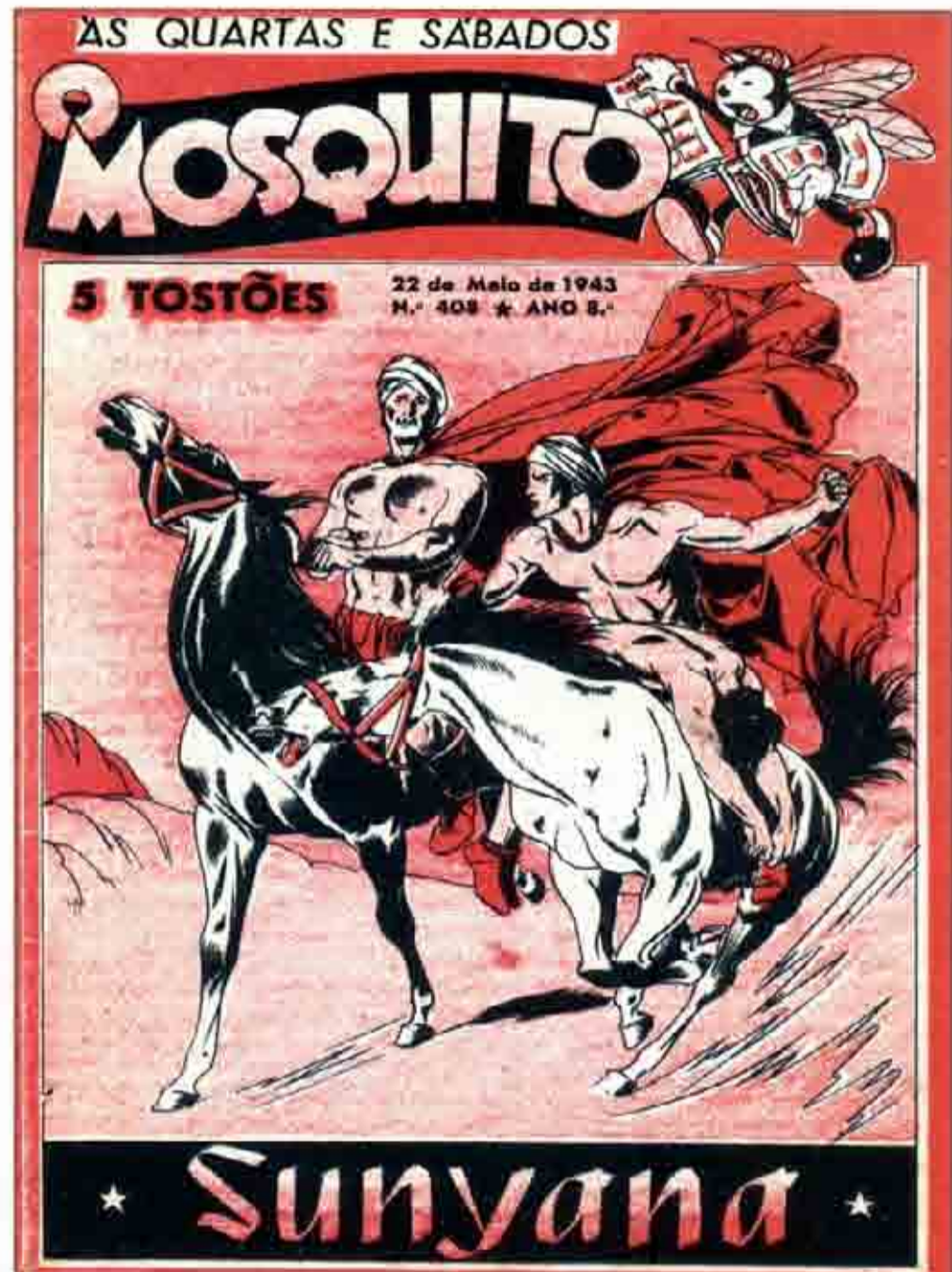
Nº35 ♦ JANEIRO / FEVEREIRO ♦ 1995 ♦ BIMESTRAL

## MIGUEL TORGA E OS DIREITOS DA CRIANÇA

P. 4/5

1984-1994,  
UMA DÉCADA,  
UM PERCURSO  
UM PROJECTO SONHADO  
E REALIZADO  
POR MADALENA PERDIGÃO:  
O CENTRO DE ARTE INFANTIL,  
PARA EDUCAR PELA ARTE  
P. 7

O CÔ-CÔ-RÔ-CÔ, O MOSQUITO, O  
FAÍSCA, O MUNDO DE AVENTURAS  
— MUITO MAIS QUE TÍTULOS, SÃO A  
MEMÓRIA EM QUADRADINHOS DE  
OUTRAS INFÂNCIAS, EM ALGUNS CASOS,  
COM MAIS DE MEIO SÉCULO,  
É UM REGISTO DESSA MEMÓRIA QUE NOS  
TRÁZ MARIA SIMÕES L. P. VIEGAS  
P. 2/3



## E D I T O R I A L

Ler e comunicar, enquanto actividades estruturadas e realizadas de forma sistemática, estão indelévelmente ligadas à escola.

As etapas do desenvolvimento têm subjacente o desenvolvimento da competência comunicativa, o gosto pelo diálogo, pela leitura e pela escrita. Na escola se diz que ler, para além de decifrar, é apreender, dialogar e fruir os aspectos estéticos da língua. Difícil tarefa esta, para aquelas crianças que raras vezes tiveram contacto com a palavra escrita e que nunca tiveram o prazer de repousar o olhar nas páginas de um livro, nem mesmo depois de iniciarem a sua escolaridade. Ler e comunicar, através da linguagem verbal, são competências fundamentais numa sociedade onde a escrita, os sons e as imagens são os veículos constantes da informação, da cultura. Para chegar às palavras deveriam ser ofereci-

dos, a todas as crianças, caminhos acessíveis, diversificados, mas de igual interesse. Contudo, escolher caminhos, definir estratégias, é uma problemática onde, por um lado, se enfrentam desigualdades de situação no domínio da língua materna, ligadas ao estatuto sócio-cultural com que as crianças iniciam a vida escolar, por outro lado, pesa sobre cada um o pressuposto de que o conhecimento "eficiente" e padronizado da língua materna é condição de aprendizagem em quase todas as áreas do saber.

É urgente explorar a noção de competência comunicativa da criança, não só como competência linguística mas como competência de linguagem, ao nível das suas diferentes instâncias de realização:

CONT. P. 5

# JORNAIS INFANTIS A MEMÓRIA EM QUADRADINHOS

MARIANA SIMÕES LOPES PEREIRA VIEGAS

**S**OU uma velha leitora de antigos jornais infantis portugueses, dessas publicações que fizeram as delícias dos jovens da minha geração. Hoje, são preciosos tesouros nas mãos dos coleccionadores e a admiração daqueles que têm oportunidade de os ler.

Recordo ainda o entusiasmo com que todos esperávamos, de semana a semana, esses amigos e companheiros, sempre recebidos com o mesmo prazer e curioso interesse. Sabíamos que havia neles inesgotáveis mundos de sonho e fantasia, embora alguns tivessem atravessado épocas bem difíceis na sua publicação. Com que amargura foram vividos os problemas surgidos durante a guerra de 1939/45, quando os jornais tinham às vezes meia dúzia de folhas, impressas em difíceis condições, a correr e num mau papel.

Havia imensas razões para toda esta expectativa e ansiedade: os jornais, com a sua galeria de heróis, curiosidades, engenhocas e mistérios, eram uma parte importante do nosso mundo infantil. Eles viviam, lado a lado, com os livros

da escola ou preenchiam, à noite, as horas roubadas ao sono. Quantas vezes a leitura das suas histórias era partilhada com o pai, que também gostava de se distrair com essas "fábricas" de sonhos e aventuras na companhia dos filhos... Proporcionava-se um curioso entendimento e uma sã camaradagem nessas viagens a misteriosos países ou na

busca de longínquos tesouros que se escondiam, muitas vezes, ali perto nas entrelinhas das velhas histórias.

## A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Alguns nomes, com maior ou menor duração, marcaram presença não só no panorama literário do jornalismo infantil, como no aspecto artístico, o complemento indispensável e fundamental. Entre eles se encontram alguns que muito valorizaram estas publicações, a alguns dos quais se deve o desenvolvimento das Histórias aos Quadrinhos (HQ) e da Banda Desenhada (BD).

Temos, por exemplo, nas primeiras publicações: Cottineli Telmo, Eduardo Malta, Stuart Carvalhais, Almada Negreiros, Tom, Rocha Vieira, A. Cardoso Lopes (mais conhecido pelo seu pseudónimo artístico, Tiotónio), José Félix e, mais tarde, Vítor Peon, José Garcês, Jayme Cortez, Fernando Bento, José Ruy e Eduardo Teixeira Ribeiro, internacionalmente conhecido.

Ao lembrar todos estes artistas, interessa referir o facto de as HQ, que tanto sucesso haviam de alcançar desde o seu aparecimento, em 1883 no Jornal da Infância, terem sido tão contestadas a partir dos anos 50. Esta atitude crítica, que se baseava no receio que havia de os jovens se desinteressarem da leitura propriamente dita, havia de influir no enfraquecimento de alguns jornais e até mesmo no desaparecimento de certas revistas.

## O MOSQUITO

O jornal *O Mosquito* merece por si só uma referência especial, dada a sua importância no conjunto das publicações infantis. E nesta minha chamada de atenção engloba todos os colaboradores e em especial o fundador, A. Cardoso Lopes (Tiotónio), o meu irmão mais velho, com quem trabalhei durante alguns tempos e me ensinou muito

sobre jornalismo. Foi dessa colaboração que surgiu o suplemento "A Formiga", o primeiro jornal dedicado às jovens leitoras de *O Mosquito*, que eu dirigi com o pseudónimo de Tia Nita. Gratas recordações que não esqueço, vividas então pela jovem de 20 anos que eu era nessa ocasião. Fui testemunha do como "nasceu e viveu" esse extraordinário jornal e das várias tentativas para manter o seu antigo prestígio.

Mas *O Mosquito* não morreu. Ele sobrevive na memória de todos e no prestígio que alcançou. O seu nome ficou no vocabulário, para indicar hoje ainda todo e qualquer jornal e revista da especialidade.

Além dos jornais que irei recordar de seguida, outros suplementos surgiram mais tarde, numa tentativa de oferecer aos jovens a leitura que eles precisavam e queriam, mas que os jornais infantis, em reduzidas tentativas de sobrevivência, já não conseguiam dar-lhes.

Quem não se lembra das páginas infantis do *Diário de Lisboa*, onde se encontrava Maria Lúcia Namorado? Do suplemento do *Diário Popular*, com José de Lemos e António Torrado, que aparecem igualmente em *A Capital* e no *Comércio do Porto*?

Como foi importante a colaboração de Maria Isabel Mendonça Soares, em suplementos, revistas e programas radiofónicos, com os seus contos, novelas, biografias e poemas? E a de Maria Alberta Menéres, prémio literário, com as suas histórias em BD, além de valiosa colaboração em vários sectores literários e televisivos?

Tantos outros nomes se podiam aqui apresentar num conjunto de valores a considerar.

Lembremos o saudoso escritor Adolfo Simões Müller, com três mil (!) publicações para a infância e juventude, tendo sido o director do conhecido jornal *Senhor Doutor*.

Matilde Rosa Araújo, de quem ainda temos muito a esperar da sua maravilhosa ternura poética e sen-



ROLETIM DO IAC  
N.º 35  
JANEIRO/FEVEREIRO  
1985  
director  
Matilde Rosa Araújo  
coordenação  
Grupo Técnico do IAC  
António Torrado  
Cláudia Cavallari  
Leonor Santos  
edição  
Isabel Alberto Cavallari  
Largo da Memória, 14  
1300 Lisboa  
concepção gráfica  
e produção  
Joana Imagem  
fotótipos  
Roseta, Lda.  
impressão  
Tipografia Lúcio  
deposição legal  
N.º 74 198/84  
tiragem  
3000 ex.



"ZÉ PACÓVIO E GRILINHO", DE TIOTÓNIO

sibilidade artística, em prol da Literatura Infantil.

#### TELE-AVENTURAS E SUPER-HOMENS

Talvez valha a pena pensar um pouco no mundo imaginário, dos contos de "o faz de conta..." de antigamente e no fenómeno que se está dando ultimamente com os nossos jovens...

As tele-aventuras dos super-homens, dos monstros mais ou menos terríveis, das mulheres aranhas, esse excesso de imaginação e fantasia tão explorados comercialmente, não estarão a cansar as nossas crianças?

Há uma viragem para o mundo do passado, um entusiasmo novo pelos Dinossauros e o seu mundo de estranhos antepassados, que foram vivos e reais. Será porque eles existiram num mundo imenso que apenas espera ser explorado e estudado?

Como os jornais seriam úteis meios adequados para a divulgação dos interesses do novo mundo tecnológico e veloz e uma forma de comunicação, à semelhança dos jornais dos adultos.

No entanto, é curioso notar como não deixa de haver ainda um interesse, um encanto, uma atracção pela expressão "era uma vez..." e por toda a fantasia e mistério que ela faz sugerir. Esse mundo de fadas e bruxas, com a sua percentagem de sonho e imaginação, fizeram e fazem ainda as delícias dos mais pequeninos... Porquê?

Todos estes mitos e fantasias teimam em sobreviver acima de tantos cataclismos, violências, desumanidades e egoísmo! Será que as crianças gostam de poder acreditar que há fadas que ultrapassam todas as dificuldades e fazem as pessoas felizes?

Apesar das críticas e campanhas contra os contos de fadas (proble-

ma discutível), eles continuam a prender a atenção dos jovens ouvintes e a compensá-los da crua realidade com um mundo de fantasia.

Pobres daqueles que não tenham ao desabrochar da sua personalidade a possibilidade de ouvir histórias de "faz de conta..." e de "era uma vez...".

O psicanalista Bruno Bettelheim, no seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fada*, diz: "Os jovens que procuram a evasão na velocidade ou na droga foram crianças que não puderam sonhar"...

... Por isso, eu continuo a ser uma velha leitora dos antigos jornais infantis portugueses, dessas saudosas publicações, que precisa de encontrar o maravilhoso caminho que em tempos iniciaram. Quando?...

#### JORNAIS QUE MARCARAM A IDADE DE OURO

*O Cò-cò-ró-có* (1928), *Tic-Tac* (1932), *O Senhor Doutor*, *O Papagaio* (1935), *O Mickey*, *O Mosquito* (1936), *O Pirilau* (1939), *Colecção Aventuras* (1940), *O Diabrete* (1941), *O Faísca* (1943), *O Pluto* (1945), *O Gafanhoto* (1948), *O Mundo de Aventuras* (1949 — jornal que iria contribuir para o desenvolvimento das histórias aos quadrinhos de origem estrangeira e dos artistas portugueses da especialidade), *O Cavaleiro Andante* (1952 — talvez o jornal de maior impacto, depois do *O Mosquito*).

Outras tentativas foram surgindo, embora algumas de efêmera duração. Assim, temos: *O Flecha* e *O Titã* (1954), *O Pimpão* (1955), *O Falcão* (1958), *O Foguetão* (1961), *O Tintin* (1968), *Spirou* (1971), *O Jornal do Cutô*, *O Zorro* (1962), e *A Canoa*, jornal madeirense.

Entre as revistas que mais tarde surgiram, merecem ser lembradas: *As Lusitas*, *A Fagulha*, *O Camarada*, *Pisca Pisca*, *O Farol*, *Girassol*, *Manina e Moça* e *Lusitas*.

# MIGUEL TORGA E OS DIREI

[12 de Agosto de 1907-  
17 de Janeiro de 1995]

**Q**UEM é Torga, o que ele significou, significa e significará, dificilmente se contém em algumas linhas. Ele representa, na rara exemplaridade da sua vida e da sua obra, o entendimento pleno dos Direitos da Criança.

Ficam aqui alguns textos da sua prosa, da sua poesia. Excertos que, se têm o travo de amargura profundamente vivida, nos apontam a força da esperança.

Esperança na luta pelo que ainda devemos à Criança. Que é o mesmo dizer — que devemos ao Homem.

## ANIVERSÁRIO

Gerês, 12 de Agosto

Mãe:

*Que visita tão pura me fizeste  
Neste dia!  
Era a tua memória que sorria  
Sobre o meu berço  
Nu e pequeno como me deixaste,  
la chorar de medo e de abandono.  
Então vieste, e outra vez cantaste,  
Até que me veio o sono.*

Miguel Torga  
Diário IV, 1ª ed.  
Coimbra, 1978

*Coimbra, 14 de Fevereiro — A maravilha dos palhaços do circo é que depois de fazerem tudo mal, de darem ao mundo o espectáculo de uma humanidade vestida de trapos, calçada de barcaças esbadanadas e ataviada com relógios do pulso monumentais, acabam por se abrir em música, numa harmonia súbita, imprevista, que é um testemunho vivo de que é preciso esperar sempre alguma coisa de belo do homem mais desgraçado.*

Miguel Torga  
Diário IV  
Coimbra, 1973

## PEDAGOGIA

*Brinca enquanto souberes!  
Tudo o que é bom e belo  
Se desprende...  
A vida compra e vende  
A perdição.  
Alheado e feliz,  
Brinca no mundo da imaginação,  
Que nenhum outro mundo contra  
diz!  
Brinca instintivamente  
Como um bichio!  
Fura os olhos do tempo,  
E à volta do seu pasmo alvar  
De cabra-cega tonta,  
A saltar e a correr,  
Desafronta  
O adulto que hás-de ser!*

Miguel Torga  
Antologia Poética  
Coimbra s/d

*Chamem-lhe pois pelo nome,  
Pelo seu nome intêliz  
De seres humanos com fome  
Na raiz.*

Miguel Torga  
Diário  
Vol. IV, 3ª ed.  
Coimbra, 1973

*Coimbra, 5 de Novembro de 1966 — Interrompo, agoniado, a leitura do último anti-romance chegado de Paris, e embrenho-me pelo floresta virgem das Mil e Uma Noites, na gostosa sensação de que estou sentado num cinema a ver um filme de aventuras. É de ficção que se nutrem a infância e a velhice, e eu já vou em cinquenta e nove. Por isso, absolvo-me de deserção momentânea do serviço cultural obrigatório e deixo, por isso, correr a fantasia. De vez em quando, por vício de poeta, estaco pasmado diante de qualquer bela imagem. Mas pouco me demoro. Logo retorno à caminhada, empolgado pelo enredo estonteante. E quando os olhos doridos, como agora, reclamam descanso, fecho o volume e fico-me a pensar na falta que começa a fazer ao mundo a imaginação. Não a de o destruir, que abunda, mas a outra, que desapareceu: a de o reinventar.*

Miguel Torga  
Diário XV  
Coimbra, 1968

## PUERICULTURA EM CHÃO POBRE

*Há quem diga que são rosas,  
Mas não são.  
Não há rosas andrajosas  
Em botão.*

*Imagem mesmo que fosse,  
Não servia  
O amargo não é doce  
Nem sequer na fantasia.*

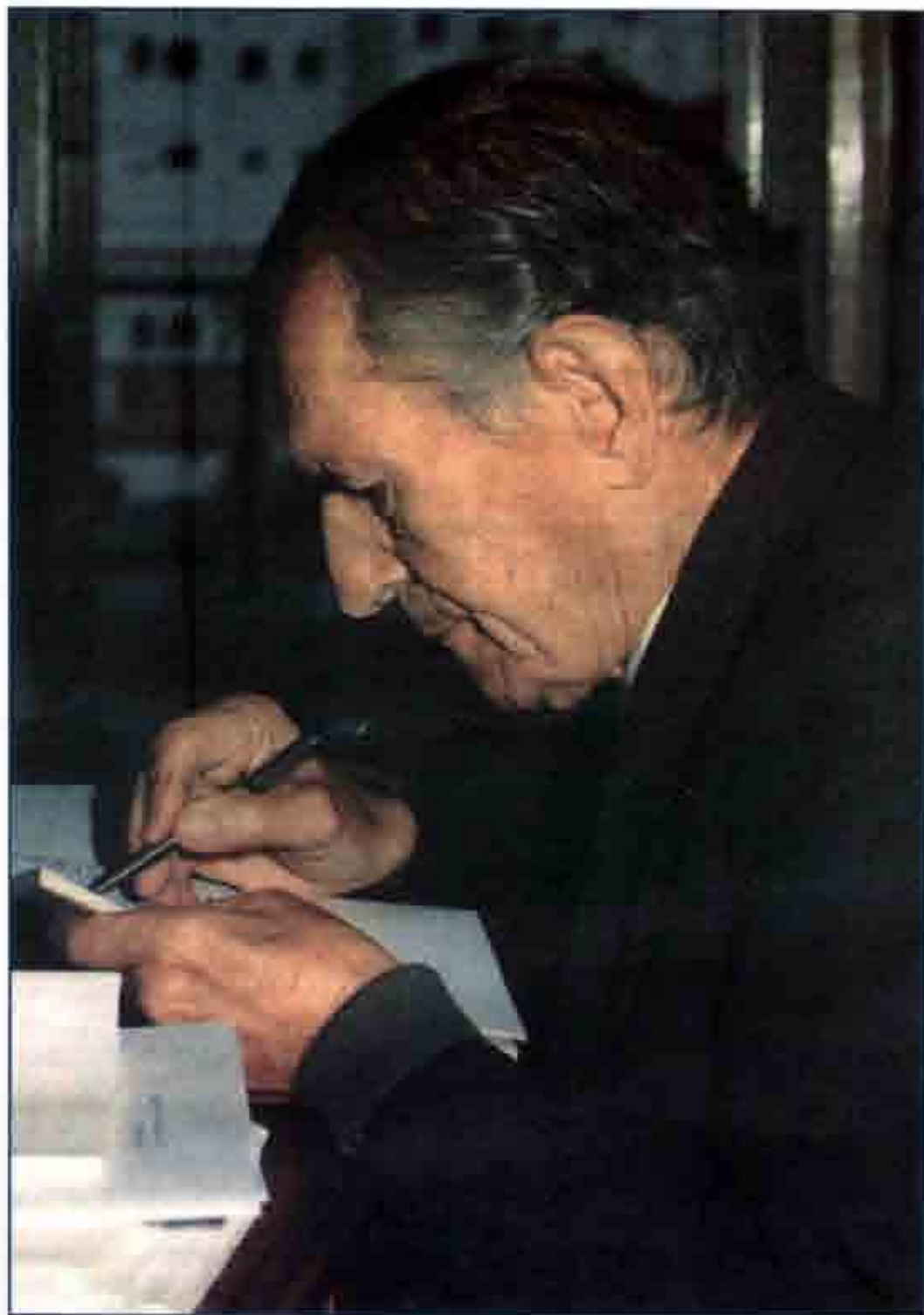
# TOS DA CRIANÇA

*Lamego, 5 de Outubro — Já uma vez tentei escrever da minha meninice passada aqui, mas não fui capaz de coisa de jeito. A infância não se repete, nem na lembrança, nem na imaginação. Quando muito, dá-se outra infância. As cenas ingênuas, porque eram ingênuas, não tinham consciência; e as humilhações, de tão pungentes, não há memória que consinta a sua perfeita expressão.*

Miguel Torga  
Diário IV  
3ª ed., Coimbra, 1973

*Lamego, 26 de Setembro de 1954 — A minha fidelidade à infância que não tive é que me ajuda a suportar esta concreta existência adulta. Tiro dela a poesia que lhe imagino, e cubro o quotidiano de agora com esse véu transtfigurador. Inverto praticamente o tempo. Relego o presente da imaginação, e acendo no seu lugar a chama ideal do passado. E consigo, assim, brincar e ser feliz nos lugares onde nunca o fui realmente, e por onde passo de vez em quando numa espécie de respigo da vida.*

Miguel Torga  
Diário VII  
2ª edição revista  
Coimbra, 1961



## ➔ EDITORIAL

através dos objectos, das imagens, dos gestos, das palavras

Todos estes meios de expressão são instrumentos da maior importância para o desenvolvimento de cada indivíduo. Descubri-los, dominá-los, fruir deles, questioná-los e reinventá-los são metas indispensáveis a atingir ao longo de um percurso de aprendizagem e de vida.

Nesta dimensão múltipla da linguagem, a actividade de ler pode ser um jogo e o livro um objecto lúdico, onde se conjugam em pé de igualdade as formas, as cores, as texturas, as imagens, as palavras, os sons. As imagens nos livros podem propiciar a visibilidade das palavras; as palavras nos livros podem propiciar a visibilidade dos sons. Uma e outras se combinam e são o motor da descoberta dos significados. Tal como o jogo é desejo e vontade de jogar, assim a leitura é desejo e vontade de ler. Este desejo é eminentemente pessoal, nasce do jogador, do leitor, nada do exterior poderá provocá-lo. São actos que pertencem ao domínio da liberdade. Assim como deseja jogar, a criança deseja ler e fruir da leitura. Para que esse desejo surja é preciso que lhe seja facilitado o acesso às mais diversificadas formas de expressão e à interacção com todas as suas anteriores experiências, memórias e saberes nos domínios da linguagem. O desejo e a vontade de ler podem ser a descoberta do livro, objecto mágico da partilha e da solidão, "meio de transporte que nos pode levar a terras longínquas" à "velocidade da página que se volta".

# ENCONTRO NACIONAL E EXPOSIÇÃO EVOCAM DEZ ANOS O PASSADO E O FUTURO DO CAI

**D**É 28 a 30 de Novembro de 1994, realizou-se, na Fundação Gulbenkian, o II Encontro Nacional de Educação e Arte: Percursos do CAI — 1984-1994. A iniciativa, que assinala a primeira década de actividades no âmbito da intervenção pedagógico-artística e da educação cultural, remete para a memória das origens, como para as próprias experiências de um presente que pode conjugar-se para que, num futuro próximo e mesmo distante, tudo se continue e renove. Porque os valores artístico-culturais ao serviço da Educação sempre terão de afirmar-se.

A exposição "Percursos", inaugurada no segundo dia do Encontro, permitiria uma visão de conjunto do que foi e significou esta década.

O conhecimento directo das actividades do Centro de Arte Infantil-CAI assume na experiência dos participantes um significado positivo. Da sua descoberta e da sua expressão viva talvez seja possível colher uma lição para renovar os programas de amanhã. Reflectir sobre as actividades até hoje desenvolvidas pelo CAI, numa perspectiva serenamente crítica de análise e avaliação, para, à luz da experiência e dos resultados obtidos, estabelecer novas bases técnicas de intervenções futuras, foi um objectivo deste encontro.

Sob a presidência de José Pina Martins, o II Encontro Nacional de Educação e Arte: Percursos do CAI — 1984-1994 foi aberto com uma comunicação de Natália Pais e Arquimedes da Silva Santos "O CAI do presente para o passado em perspectiva de futuro", seguida de uma exposição de Manuela Eanes, "Percursos — Olhares sobre o CAI". Intervenções que viriam a introduzir um tema rico em experiências, mas em que a componente do presente e sobretudo do futuro não estiveram ausentes.

"O CAI na viragem do século" seria, de resto, o tema da comunicação final de Natália Pais, segundo a qual "preparar para a mudança foi, na década de 60-70, o princípio orientador das práticas pedagógicas mais progressistas". Previram-se, de acordo com as

conclusões da comunicação de Natália Pais, "significativas alterações no domínio científico, técnico, modificações sociais e políticas, inevitáveis viragens no âmbito cultural e artístico e temeu-se a dificuldade de adaptação das novas gerações a um mundo diferente, de verdades relativas, de saberes efémeros, de percursos imprevisíveis, um mundo pleno de desafios à versatilidade e ao dinamismo das pessoas e dos grupos".

anças a descobrirem a própria cidade onde vivem, o bairro onde moram, e idealizarem o que gostariam que fosse a cidade do futuro", palavras de Madalena Perdigão, citadas pelo *Diário de Notícias* em 1989, corolário de um princípio enunciado pela grande inspiradora e realizadora deste projecto: "Acredito muito na educação pela arte".

Nos dez anos agora completados, há de resto a preocupação de historiar,



A década de 80-90, prossegue Natália Pais, põe bem à prova essa necessidade de adaptação, sobretudo por parte dos educadores cuja formação passou a ser permanente, contínua, reservada, capaz de assumir funções diversas, tanto a nível educativo como social.

"O fim do século parece evidenciar os grandes contrastes entre a modernidade e a tradição, entre os ideais pacifistas e as práticas de violência, entre a unidade do acto criativo e a multiplicidade das técnicas de reprodução, a fabricação de objectos em série e os avanços incontáveis da engenharia genética que constituem verdadeira ameaça à humanização e à valorização de uma estética relacional de solidariedade com a base sustentável do desenvolvimento."

## UM PERCURSO

"Quem já passou pelo CAI sabe da sua animação permanente. Já aí vi cri-

através de brochura para o efeito editada, as diferentes realizações ao longo do tempo. E com a epigrafe de Madalena Perdigão de que "a educação artística poderá contribuir para corrigir ou minorar as perturbações de ordem individual e social existentes no mundo moderno", é lembrado num texto de apresentação da Natália Pais que "na história da educação artística em Portugal, o nome de Madalena Azeredo Perdigão assumiu significado simultaneamente carismático e profético". Porque, continua, "se, ao percorrer novos caminhos da educação e da arte, soube criar condições que levaram pedagogos e artistas a acreditar numa dimensão educacional libertadora e criativa capaz de permitir o desenvolvimento integral da criança e a sua participação activa na apropriação e na renovação cultural e artística — soube também, na diversidade das acções e das obras que promoveu (1959-1989) consagrar o testemunho da verdade que sempre defendeu: a educação dos

sentidos, a expressão dos sentimentos, a divergência dos pensamentos como meios de alcançar, numa perspectiva ética ou estética, a essencialidade dos valores humanos”.

Na década de 1984-94, o CAI surge, continua Natália Pais, “como um ponto de referência, onde a experiência pedagógica, a expressão artística e a vivência cultural se dimensionam na relação criança/educador/artista, de modo dinâmico e identificador; um espaço aberto à descoberta da criatividade, à comunicação significativa, à transformação do presente na essencialidade do futuro”.

#### MAIS DO QUE PALAVRAS...

“Mais do que as palavras com que podemos tentar defini-la, esta acção é um gesto feito de movimentos espontâneos naturais”, expressa-se na apresentação da exposição “Escrever-Comunicar (1984-1985)”, uma exposição cujos objectivos principais são proporcionar às crianças e aos educadores formas de contacto com uma das manifestações de maior significado na História e na Vida da Humanidade — a Escrita.

Nesta linha de actuação, prosseguiu o CAI o caminho de sucessivas presenças da sua actividade, assinaladas por exposições anuais lúdico-expressivas.

Assim, em 1985, os temas foram “Os Bichos” e “Coisas que as crianças guardam”; em 1986, “Cidade real, cidade imaginária”, “As flores” e “O som e o silêncio”; em 1987, “As Festas” e “Os sentidos”; em 1989, “O Índio, a natureza e a vida”; em 1989, “Brincar através da pintura” e “Contar, medir, pesar”; em 1990, “Imagens e personagens do conto e da aventura”; em 91, “A aventura do corpo: no tempo e no espaço”; em 92, “A noite”, e em 93, “Abraço e Picasso”. Finalmente, em 1994, o tema voltou a ser “Escrever-Comunicar — do gesto à mensagem”.

- Nos dias 11, 12 e 13 de Janeiro de 95, realizou-se o Congresso “A Criança, o Jovem e o Ambiente”, em que participaram Ana Lúcio, Manuela Eanes, Maria João Malho, Roque Martins e Ana Perdigão.

- O livro *Amor de Mãe, Amor de Pai*, de Alice Gentil Martins e Agostinho Moleiro, foi recentemente lançado, em sessão em que esteve Manuela Eanes. Esta publicação, de excelente qualidade, é distribuída gratuitamente e editada conjuntamente pela Direcção-Geral da Família e pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

- Leonor Santos e Filomena Viegas orientaram, em Montemor-o-Novo, na Oficina da Criança, no dia 11 de Fevereiro, uma acção de formação para técnicos de educação, promovida pela Câmara Municipal local. Esta acção esteve integrada num projecto com as escolas dos vários graus de ensino que se chama “Vamos Brincar”.

- Várias festas de Natal onde o Projecto de Rua está a intervir realizaram-se durante a quadra natalícia, onde foi produzido e realizado um pequeno espectáculo pelas equipas, com a colaboração dos parceiros locais. Estiveram envolvidas 750 crianças.

- A produtora GER-Grupo de Estudos e Realizações, Lda., representada por Inês de Medeiros e Luísa Nora, estiveram no Espaço-Projecto. O objectivo desta visita foi o pedido de colaboração para a realização do filme *Outros Portugueses*, que foca o tema das crianças em risco em Portugal.

- No âmbito dos encontros com as parcerias, reuniram-se em 11 de Janeiro, no Espaço-Projecto, dois enfermeiros e uma médica de Centro de Saúde de Alvalade, quatro enfermeiros e uma médica do Centro de Saúde do Castelo (da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa) e seis técnicos do Projecto de Rua. O objectivo deste reunião traduziu-se por um esclarecimento de metodologia e filosofia de actuação desenvolvida pelo Projecto de Rua, em especial pelos enfermeiros no Projecto, e pela abordagem do tipo de parceria a estabelecer entre o Projecto e os centros de saúde.

- A psicóloga Leonor Gandra e a economista Cristina Cavaco, do INDE-Intercoperação e Desenvolvimento, e que pertencem ao grupo de investigação europeu Construir a Europa da Grande Solidariedade, estiveram em 13 de Janeiro,

no Espaço-Projecto. O motivo da visita foi o facto de em Portugal o Projecto de Rua ter sido escolhido para ser alvo de um estudo de casos por parte do INDE. Em Julho irá realizar-se um seminário internacional em Portugal, onde serão abordados todos os temas estudados e desenvolvidos em cada país europeu.

- Cinco estudantes dinamarqueses da Jydske Paedagog Seminarium (escola da área da Educação) estiveram presentes no Espaço-Projecto no dia 19 de Janeiro. Este grupo procedeu, em Portugal, à visita de instituições que trabalham com crianças, e no Projecto puderam inteirar-se da metodologia de actuação junto da criança de rua. Também uma estudante escocesa, do curso Fontes de Informação Europeia, visitou o Projecto de Rua.

- Nos meses de Dezembro de 1994 e Janeiro de 95 iniciaram o seu processo de formação profissional em exercício integrado no Programa Horizon nove formandos (sete jovens e duas mães).

- A dr<sup>a</sup> Cristina Antão, directora de uma dos estabelecimentos da Fundação D. Pedro V, esteve no Espaço-Projecto no dia 1 de Fevereiro, onde apresentou a proposta de disponibilização dos refeitórios dos sete estabelecimentos que a Fundação detém, no sentido de proporcionar uma refeição diária (almoço) às crianças acompanhadas pela equipa do Projecto.

- De 9 a 12 de Fevereiro decorreu em Nápoles (Itália) o 2<sup>o</sup> Curso para Educadores Territoriais de Primeiro Nível, organizado pela Associação Quartieri Spagnoli. A intervenção portuguesa esteve a cargo de Adelina Marques Odete e Matilde Esteves, que fizeram uma apresentação da experiência realizada pelo Projecto de Rua em Lisboa e integraram professores do curso.

- De 15 a 19 de Fevereiro, a Associação de Jornalistas Europeus (secção francesa) levou a efeito o Encontro de Jornalistas sobre a Europa Social, em Lille. Manuela Eanes fez uma intervenção na sessão plenária, sobre “A imprensa: reflexo das atitudes sociais”, e num atelier foi exposto o Projecto de Rua por Adelina Marques Odete.

## ACTIVIDADE LÚDICA NOVAS VERTENTES DA FORMAÇÃO

**E**M 1995, perspectivam-se novas vertentes de trabalho que vêm enriquecer o Plano de Formação da Actividade Lúdica. Nos dias 17, 18 e 19 de Janeiro, teve lugar no Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, a primeira acção de formação deste ano, *Psicologia do Desenvolvimento — Implicações Pedagógicas*, que forneceu valiosos contributos ao nível do conhecimento mais aprofundado sobre questões essenciais em psicologia do desenvolvimento: da infância à adolescência e da adolescência à idade adulta, ao nível do fenómeno da mudança psicológica; a questão central em psicologia do desenvolvimento, ao nível da análise do processo de desenvolvimento; a sua duração e a sua complexidade.

A orientação das sessões de trabalho esteve a cargo de Maria da Conceição Taborda, professora associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra e membro da Comissão Instaladora do Núcleo do IAC de Coimbra, e de Maria da Luz do Vale Dias, assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da UIC.

Participaram nesta acção professores, educadores de infância e psicólogos, num total de 28 presenças, que referiram, na avaliação, a importância de desenvolver este tipo de trabalho, na medida em que ele possibilita uma reflexão sobre a prática pedagógica e chama a atenção para a necessidade de encontrar suportes consistentes, de natureza teórica, que ajudem e justifiquem essa mesma prática.

Ainda em Janeiro, no dia 31, realizou-se pela segunda vez a acção, de carácter teórico-prático, *Como fazer um Projecto para Implementação de uma Ludoteca*, com a orientação de Leonor Santos, membro da Actividade Lúdica do IAC. Esta acção registou elevado número de inscrições, pelo que, em 10 de Fevereiro, a acção terá lugar pela terceira vez.

As instalações do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian estão a ser o local de realização da quase totalidade das acções de formação que constam do Plano de Formação da Actividade Lúdica do IAC. Nos dias 20 e 21 de Fevereiro, das 17h às 19h, aí se desenvolverá a oficina *Criação de Fantoques-Animação*, orientada por Isabel Andréa, especialista em teatro de animação.

## CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO IAC

## MAIS DE 200 ATENDIMENTOS EM 94

**R**ECOLHER, tratar e difundir documentação, nacional, estrangeira e internacional, seja qual for o seu suporte, sobre problemas relativos à criança, na saúde, educação, segurança social ou tempos livres, está entre os objectivos do Centro de Documentação do IAC. A investigação no âmbito dos problemas relativos à criança conta, igualmente, com o apoio do Centro, que também contribui para a formação de alunos, profissionais e de toda a comunidade interessada por esta área.

Com um fundo documental constituído por monografias, periódicos, relatórios, "Diário da República" (a partir de Abril de 1991), catálogos, recortes de jornais, dossiers temáticos, o funcionamento do Centro faz-se por consulta local e atendimento por telefone e correspondência. O horário de atendimento é das 10 às 13 horas.

Durante o ano de 1994, o Centro de Documentação atendeu 206 pessoas na sede do IAC, com o seguinte perfil: estudantes do ensino superior, 153 (74%); estudantes do ensino secundário, 27 (13%); licenciados, 26 (13%). Os alunos de cursos relacionados com a educação da infância são os que procuram mais o Centro, seguidos dos sociólogos e dos de serviço social.

Quanto aos temas mais consultados, são: maus tratos (34%), abandono (11%), pobreza infantil (6%), abuso sexual (6%), trabalho infantil (6%), actividades do IAC (5%), crianças em risco (4%) e Direitos da Criança (3%).

O tipo de documentos mais consultado no ano passado foram os recortes de imprensa (78%), seguidos das monografias (67%), publicações periódicas (62%), relatórios (42%) e legislação (33%).

Durante o mesmo período, o Centro distribuiu a sua actividade pelo fornecimento de fotocópias (84%), informação bibliográfica (10%) e orientação para outros serviços (7%). O atendimento por telefone e correspondência não é quantificável por falta de dados.



Os utentes que se nos dirigem por abordar temas relacionados com o a Actividade Lúdica são atendidos directamente por técnicos daquele grupo.

Um inquérito distribuído aos utilizadores durante o ano de 1994 permitiu analisar e tirar conclusões sobre a qualidade do nosso trabalho. Considerando de uma maneira geral o fundo documental satisfatório (para 95% os documentos consultados são úteis; 22% revelou a necessidade de mais fontes de informação), 87% dos utentes considerou o ambiente da sala de leitura tranquilo e acolhedor (69%), o serviço rápido (100%).

Entre os utilizadores do CD, 78% manifestaram interesse em voltar, considerando embora 84% o horário de atendimento pouco satisfatório. Esta questão corresponde de facto às nossas expectativas, mas a actual capacidade da nossa sede impede o alargamento do horário, o que será objecto das nossas preocupações.

O Centro de Documentação edita bimestralmente um Boletim Bibliográfico.

Neste final de balanço, não queremos deixar de agradecer, em especial, às editoras Verbo e Bertrand; ao Laboratório de Engenharia Civil; à Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres; à Fundação Calouste Gulbenkian; ao Centro de Estudos Judiciários; ao Instituto do Emprego e Formação Profissional, e ainda às livrarias Barata e Bisturi, pela colaboração prestada.